

DA ARTE DO TRABALHO

HISTÓRIAS DE TRABALHO ¹

A escravidão levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais. Não cito alguns aparelhos senão por se ligarem a certo ofício. Um deles era o ferro ao pescoço, outro o ferro ao pé; havia também a máscara de folha-de-flandres. A máscara fazia perder o vício da embriaguez aos escravos, por lhes tapar a boca. Tinha só três buracos, dois para ver, um par respirar, e era fechada atrás da cabeça por um cadeado. Com o vício de beber, perdiam a tentação de furtar, porque geralmente era dos vinténs do senhor que eles tiravam com que matar a sede, e aí ficavam dois pecados extintos, e a sobriedade e a honestidade certas. *Era grotesca tal máscara, mas a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel*². Os funileiros as tinham penduradas, à venda, na porta das lojas.

Mas não cuidemos de máscaras.

O ferro ao pescoço era aplicado aos escravos fujões. Imaginai uma coleira grossa, com a haste grossa também, à direita ou à esquerda, até ao alto da cabeça e fechada atrás com chave.

Pesava, naturalmente, mas era menos castigo que sinal. Escravo que fugia assim, onde quer que andasse, mostrava um reincidente, e com pouco era pegado.

¹ Publica-se nesta seção da Revista Trabalho & Educação, dedicada ao casamento de arte e trabalho, fragmento do conto Pai contra mãe, de Machado de Assis, o qual foi extraído da antologia Trabalhadores do Brasil - histórias do povo brasileiro, organizada por Roniwalter Jatobá e publicada pela Geração Editorial em 1998.

² Todos os grifos desta transcrição.

DO TRABALHO DA ARTE

Há meio século, os escravos fugiam com frequência. Eram muitos, e nem todos gostavam da escravidão. Sucedia ocasionalmente apanharem pancada, e nem todos gostavam de apanhar pancada. Grande parte era apenas apreendida; havia alguém de casa que servia de padrinho, e o mesmo dono não era mau; *além disso, o sentimento da propriedade moderava a ação. Porque dinheiro também dói.* A fuga repetia-se entretanto. Casos houve, ainda que raros, em que o escravo de contrabando, apenas comprado no valongo, deitava a correr, sem conhecer as ruas da cidade. Dos que seguiam para casa, não raro, apenas ladinos, pediam ao senhor que lhes marcasse aluguel, e iam ganhá-lo fora, quitandando.

Quem perdia um escravo por fuga dava algum dinheiro a quem lho levasse. Punha anúncios nas folhas públicas, com os sinais do fugido, o nome, a roupa, o defeito físico, se o tinha, o bairro por onde andava e a quantia da gratificação. Quando não vinha a quantia, vinha promessa: “*gratificar-se-á generosamente*”, - ou “*receberá uma boa gratificação*”. Muita vez o anúncio trazia em cima ou ao lado uma vinheta, figura de preto, descalço, vara ao ombro, e na ponta uma trouxa. Protestava-se com todo o rigor da lei contra quem o acoitasse.

Ora, pegar escravos fugidos era um ofício do tempo. *Não seria nobre, mas por ser instrumento da força com que se mantêm a lei e a propriedade, trazia esta outra nobreza implícita das ações reivindicadoras* Ninguém se metia em tal ofício por desafio ou estudo; a pobreza, a necessidade de uma achega, a inaptidão para outros trabalhos, o acaso e alguma vez o gosto de servir também, ainda que por outra via, davam o impulso ao homem que se sentia bastante rijo para pôr ordem à desordem.